

OS DIREITOS DOS ANIMAIS E ECOLOGIA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO ANTIGO TESTAMENTO¹

Chilkuri Vasantha Rao²

Resumo: Deuteronômio 25.4 é a lei sobre não atar a boca ao boi enquanto debulha. Essa lei é colocada numa sequência específica de Dt 22.6-7; 22.10 e 25.4 que demonstra o interesse pela vida e bem-estar dos animais. Nessa lei (Dt 25.4), o autor deuteronomista parece estar preocupado com a vida e “a necessidade vital” do boi debulhador. Essa “necessidade vital” é reconhecida como sendo a necessidade de permitir que o boi exerça livremente seu impulso instintivo de comer e assim saciar sua fome. Os sábios rabínicos mais tardios, seguindo a ética deuteronômica do bem-estar do animal, mantiveram a preocupação pelo boi debulhador e até reconheceram novos problemas que precisavam de cuidado. Assim, a consideração pelas necessidades vitais de um boi debulhador continuou através da história na vida agrícola de Israel e até mais tarde nos tempos e nas tradições pós-bíblicas.

Palavras-chave: Lei do Deuteronômio. Direito dos animais. Teologia. Ecologia.

Animal Rights and Ecology – An Old Testament Perspective

Abstract: Deuteronomy 25:4 is the law not to muzzle a cow while threshing. This law is set in a specific sequence of Deut. 22:6-7; 22:10 and 25:4 that put forth the interest in the life and welfare of the animals. In this law (Deut. 25:4) the Dtn author seems to be concerned about the life and “vital need” of a threshing cow. This “vital need” is recognized as the necessity to allow the cow to freely exercise its instinctive drive to eat and thereby satiate its hunger. The later rabbinic sages, following the Dtn ethos of animal welfare, kept up the concern for the threshing cow and even recognized new problems that are to be cared for. Thus, consideration for the vital needs of a threshing cow continued through history in the agricultural life of Israel and even later in post-biblical times and traditions.

Keywords: Deuteronomic Law. Animal rights. Theology. Ecology.

¹ O artigo foi recebido em 17 de agosto de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 11 de setembro de 2011. Traduzido do original *Animal Rights and Ecology – An Old Testament Perspective*, por Marie Ann Wangen Krahn e revisado por Nelson Kilpp.

² Professor de Antigo Testamento no Andhra Christian Theological College, Hyderabad/Índia, do qual também é diretor. Fez seu doutorado na Universidade de Hamburg, na Alemanha. cvractc@gmail.com

1. Introdução

Gado existe em todo o subcontinente indiano. Tanto vacas quanto bois, búfalos e bezerros podem ser vistos no interior do país, em povoados e pequenas cidades. Nas grandes cidades, encontram-se, às vezes, às margens das ruas e até no meio das ruas. Vacas e bois são considerados sagrados e, portanto, reverenciados. Em muitos Estados da Índia, seu abate é proibido. Vacas e bois tornaram-se parte da herança cultural e do etos espiritual indianos. Nas áreas rurais, vacas e bois³ são, às vezes, abandonados em nome do deus ou da deusa do vilarejo, sendo alimentados pelos habitantes com muita veneração. Aí perambulam livremente e não são enxotados quando, por acaso, são encontrados pastando nos campos. Até visitam casas e lojas para receber alimento. Em algumas áreas, bois são usados em atividades esportivas durante festivais. Por ocasião do festival de Ano-Novo na cultura *telugu*, em Andhra Pradesh, as vacas são enfeitadas com roupas extravagantes e seus proprietários mendigam, de casa em casa, concedendo, em troca, a bênção da vaca-mãe. Na agricultura, usa-se o gado predominantemente para tirar água, arar e trilhar. Também é utilizado como animal de tração para o transporte de pessoas e cargas. É comum ver-se um boi fazendo um enorme esforço para puxar uma carroça com uma carga muito pesada sem, no entanto, consegui-lo, apesar dos açoites de seu dono impiedoso. Pode-se perguntar se não há regulamentações que proibam esse comportamento cruel de humanos contra esses animais diligentes, mas mudos. Constata-se o uso de gado em todas as partes do cenário asiático, o que levou, inclusive, à teologização do mesmo por parte de teólogos asiáticos, que elaboraram a “teologia dos búfalos”. A importância e o uso do gado estão documentados no Antigo Testamento, onde leis apropriadas garantem o seu bem-estar. Enfocaremos uma lei do Código Deuteronomico do Pentateuco que poderia servir de norte para regular o comportamento dos seres humanos em relação ao gado e aos animais em geral.

³ Daqui em diante usarei “bois” para falar tanto de vacas como de bois (nota da tradutora).

1.1 Texto: Não atarás a boca ao boi quando debulha o cereal⁴ (Dt 25.4).

1.2 Tradução: Não deves atar⁵ a boca do boi/da rês quando estiver debulhando.⁶

1.3 Crítica textual

Assim como se encontra na Bíblia hebraica, a proibição não apresenta nenhum problema literário. A mesma forma breve e apodítica da proibição também se encontra na Septuaginta⁷ (LXX), a tradução grega da Bíblia hebraica, mantendo a frase original: “não atarás a boca ao boi quando debulha”⁸. Outras traduções expandiram a lei no intuito de expressar com maior clareza o seu significado. No texto massorético, o verbo “*chsm*”, “atar”, já implica a ideia de “boca”, mas a tradução aramaica especifica o objeto ao adicionar a palavra “*pwm*”, “boca”; essa não deve “ser atada, fechada ou amarrada”⁹. De modo semelhante, também o Targum Yerushalmi I acrescenta a palavra “boca”, usando o mesmo verbo que o Targum Pseudo-Jonathan, alertando para que não se cometa o erro de atar a boca do boi, mesmo que por descuido, ou seja, de forma nenhuma.¹⁰ O Targum Samaritano¹¹ e o Texto Hebraico Samaritano¹² não apresentam variações.

⁴ PHILLIPS, A. **Deuteronomy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973. (CNEB, v. 3). p. 167, corretamente coloca a lei sob o título “O boi trabalhador”.

⁵ KOCH, K. **The Growth of the Biblical Tradition: The Form-Critical Method**. London: Adam & Charles Black, 1969. p. 9, é de opinião que a tradução “Não deves” não satisfaz plenamente, pois, no texto hebraico, a partícula sempre precede um verbo no imperfeito, o que expressa uma proibição particularmente forte, que seria mais corretamente traduzida como “é absolutamente impossível fazeres isso ou aquilo”. Ainda afirma que “no hebraico essa construção equivale a uma afirmação no futuro do indicativo: ‘Não farás isso ou aquilo’”.

⁶ ROSENBAUM, M.; SILBERMANN, A. M. (Eds.). **Pentateuch with Targum Onkelos**. Haptharoth and Rashi’s Commentary: Deuteronomy. New York: Hebrew Publishing Company, [s.d.]. p. 121, adicionam, aqui, “o cereal” para completar o sentido.

⁷ WEVERS, J. W. (Ed.). **Vetus Testament Graecum**. Auctoritate Academiae Scientiarum Gottingensis editum. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977. (v. 3/2, Deuteronomium). p. 274.

⁸ Cf. a tradução da LXX feita por Brenton, que não coincide exatamente com o texto da LXX, uma vez que adiciona “cereal” (“*com*”) no final da lei, o que, no entanto, não está presente na LXX; cf. BRENTON, S. L. C. L. **The Septuagint with Apocrypha: Greek and English**. 14. ed. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1988. p. 264.

⁹ Cf. SPERBER, A. (Ed.). **The Bible in Aramaic: Based on Old Manuscripts and Printed Texts**. Leiden: E. J. Brill, 1959. (v. 1, The Pentateuch According to Targum Onkelos). p. 332.

¹⁰ BILLERBECK, P. traduz a lei do Targum Yerushalmi I da seguinte forma: “Ihr sollt das Maul des Ochsen nicht verzäumen ... zur Zeit seines Dreschens”. BILLERBECK, v. 3, p. 382.

¹¹ BRÜLL, A. (Ed.). **Das Samaritanische Targum zum Pentateuch**. Hildesheim; New York: Georg Olms, 1971. p. 235.

¹² GALL, A. F. von (Ed.). **Der Hebräische Pentateuch der Samaritaner**. Giessen: Alfred Töpelmann, 1918. (Part V, Deuteronomium - Nachträge und Verbesserungen). p. 408.

1.4 O contexto literário¹³

A lei que determina “não atar a boca ao boi quando está debulhando” é peculiar ao Código Deuteronômico.¹⁴ Há, na discussão acadêmica, uma grande diversidade de interpretações do contexto literário de Dt 25.4, mesmo entre os estudiosos. Mayes, por exemplo, afirma que se trata de “uma coleção de leis de diversas origens agrupadas sob o princípio humanitário”¹⁵ e Wright advoga que a perícopes começa no versículo um do capítulo 25 e termina no versículo 19 e trata a unidade sob o tema Leis Comunitárias.¹⁶ A perícopes na qual se encontra a lei de “não atar a boca ao boi quando debulha” é, de fato, o complexo 24.6-25.4¹⁷, mesmo que alguns estudiosos tenham outras opiniões.¹⁸ As leis desse complexo são organizadas tematicamente. As leis socioanimais (sociais e animais) que regulam o comportamento na sociedade, especialmente em relação aos pobres, carentes, assalariados, estrangeiros, órfãos, viúvas e animais, alternam-se com as leis que determinam as punições.¹⁹

A: Lei social	Dt 24.6
B: Lei que prescreve punição	Dt 24.7
A: Leis sociais	Dt 24.10-15
B: Leis que prescrevem punições	Dt 24.16
A: Lei social	Dt 24.17-22
B: Leis que prescrevem punições	Dt 25.1-3
A: Lei sobre o animal no âmbito social	Dt 25.4

O autor do Deuteronômio demonstra uma afinidade positiva com os animais, que são tratados como parte intrínseca da comunidade humana. Para o autor do Deuteronômio, o âmbito social também engloba a preocupação pelos animais. Por isso a lei acerca dos animais se encontra em pé de igualdade com as preocupações sociais. A lei sobre os animais de Dt 25.4 até substitui as leis sociais na estrutura

¹³ Nesta seção sobre crítica literária, o autor segue, em geral, E. Otto. Isso vale especialmente para as tabelas e o texto de toda a seção sobre o contexto literário. É uma tradução para o inglês que parafraseia o texto de OTTO, E. **Das Deuteronomium: Politische Theologie und Rechtsreform in Juda und Assyrien**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1999. (BZAW, v. 284). p. 291-300.

¹⁴ Cf., p. ex., DRIVER, S. R. **Deuteronomy**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1895. (ICC). p. 280.

¹⁵ MAYES, A. D. H. **Deuteronomy**. London: Oliphants, 1979. (NCeB, v. 4). p. 314.

¹⁶ WRIGHT, C. J. H. **Deuteronomy**. 2. ed. Massachusetts: Hendrickson, 1998. (NIBC.OT, v. 4). p. 264-269.

¹⁷ O mesmo é afirmado por EISSFELDT, O. **Einleitung in das Alte Testament**. 4. ed., 3. reimpr. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1976. (NTG). p. 298.

¹⁸ S. D. McBride entende que a perícopes começa somente em 24.10 e termina em 25.4 (cf. McBRIDE Jr., S. D. **Deuteronomium**. In: **TRE**. 1981. v. 3, p. 534), sendo que Mayes considera que a perícopes já inicia em 24.5 e termina em 25.4 (cf. MAYES, 1979, p. 109).

¹⁹ Cf. OTTO, 1999, p. 291.

literária da perícope. Assim, as leis socioanimais em Dt 24.6, 10-15, 17-22 e 25.4 estão tematicamente entrelaçadas.

A lei que determina o pagamento do salário no mesmo dia do trabalho (Dt 24.14-15) apresenta a expressão “antes do por do sol” como motivo indicador de prazo de tempo (v. 15). Esse motivo é tomado da lei anterior referente ao penhor, no v. 13. A posição de destaque da última lei, em Dt 25.4, resulta da estrutura geral de todo o conjunto de leis. As leis que prescrevem punições (Dt 24.7,16; 25.1-3) estão entrelaçadas com as leis socioanimais, que se encontram em Dt 24.6,10-15,17-22 e 25.4. A lei do pagamento do salário, em Dt 24.15, está ligada com a lei da punição individual, em Dt 24.16, através do termo comum “pecado”. Dt 24.16 tem em mente um processo jurídico. As determinações sobre castigos físicos, em Dt 25.1-3²⁰, e a proibição de atar a boca ao boi quando debulha, em Dt 25.4, parecem ter sido interligadas com a intenção de minimizar a violência tanto contra o ser humano (v. 1-3) quanto contra o boi (v. 4).²¹ Acima de tudo, existe uma estrutura complexa e, ao mesmo tempo, sistemática que combina as leis socioanimais com as leis que prescrevem uma punição. Dt 24.6 tem a forma de um proibitivo e Dt 24.7, a forma de uma lei casuística; ambas estão ligadas por Dt 24.10. Enquanto, de um lado, a lei que prescreve uma punição, em Dt 24.16, e a lei social, em Dt 24.17, são ambas proibitivas interconectadas sindeticamente, de outro lado, a lei social de Dt 24.19-21 e a determinação de punição de Dt 25.1-3 são ambas leis casuísticas interconectadas, às quais segue um proibitivo em Dt 25.4. Dt 24.6 abre a perícope e 25.4 conclui a perícope; são dois proibitivos, formando uma inclusão.

O autor do Dt parece ter costurado essa unidade literária (Dt 24.6-25.4) para dentro de uma estrutura quiástica mais ampla. A estrutura quiástica começa em Dt 22.1-4 e termina em Dt 25.4. Ambas contêm leis sobre animais e tratam especificamente de normas que se referem a bois. A estrutura quiástica engloba outras leis sobre animais, tais como a lei acerca do pássaro, em Dt 22.6s – que estende o amor ao próximo a um âmbito novo, o mundo animal –, seguida pela proibição de arar com uma parrelha formada de um burro e um boi (Dt 22.10), levantando, outra vez, o tema do boi. A estrutura quiástica termina com Dt 25.4.²² A proibição de atar a boca ao boi que debulha é, assim, parte de um leque maior de leis com uma preocupação humanitária para com seres humanos e animais. A lei de Dt 25.4 é, acima de tudo, a culminação da progressão do tema da “colheita”, que o autor de

²⁰ Quanto à punição física nas leis do período do Assírio Médio veja OTTO, E. **Körperverletzungen in den Keilschriftrechten und im Alten Testament**: Studien zum Rechtstransfer im Alten Orient. Kevelaer; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1991. (AOAT, v. 226). p. 60; e para as leis da punição física nos antigos textos da Ásia Ocidental como um todo, veja HASSE, R. **Körperliche Strafen in den altorientalischen Rechtssammlungen**: Ein Beitrag zum altorientalischen Strafrecht. **RIDA**, Series 3, v. 10, p. 55-75, 1963. p. 55-75.

²¹ Cf. KAUFMAN, S. A. **The Structure of the Deuteronomic Law**. Maarav, 1978-79. v. 1/2, p. 141; ROFÉ, A. **The Arrangement of Laws in Deuteronomy**. **ETHL**, v. 64, p. 275s, 1988.

²² Essa estrutura quiástica mais ampla se encontra em OTTO, 1999, p. 291-300.

Dt introduz nessa unidade (Dt 24.6-25.4). O versículo 19 refere-se à sega da messe; o v. 20, à colheita de azeitonas; e o v. 21, à colheita de uva. Tudo isso antecede o tema da debulha, que representa, na agricultura, a fase que segue à colheita. Dessa forma, surge, mais uma vez, uma estrutura quiástica assindética:

Dt 24.19 *colhendo* o cereal do **campo**
Dt 24.20 colhendo frutas de uma *árvore*
Dt 24.21 colhendo frutas de uma *árvore*
Dt 25.4 *debulhando* o cereal do **campo**

Assim, a lei de Dt 25.4 mantém a sequência do ritmo da agricultura de colheita seguida de debulha.

1.5 O lugar da proibição

O lugar da proibição de atar a boca do boi que debulha pode estar relacionado a três importantes âmbitos. Em primeiro lugar, as leis que se referem a animais seguem uma certa ordem, isto é, em Dt 22.6-7 há a preocupação com pássaros; em Dt 22.10, a preocupação com o jumento; e em Dt 25.4, por fim, com o boi. Isso pode mostrar o interesse especial de Dt pela atitude humana²³ e de amor aos animais²⁴, “motivada pelo princípio de amor e bondade que deveria ser demonstrado a todas as criaturas de Deus”²⁵, por puro interesse no bem-estar dos animais.²⁶ Destacaria também a preocupação do autor de Dt tanto pela vida e o bem-estar dos animais selvagens – o pássaro selvagem (Dt 22.6-7)²⁷ –, quanto pela vida e o bem-estar dos animais domésticos²⁸ – o jumento doméstico (Dt 22.10) e o boi doméstico (Dt 25.4).²⁹

²³ STEUERNAGEL, C. **Lehrbuch der Einleitung in das Alte Testament**. Mit einem Anhang über die Apokryphen und Pseudepigraphen. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1912. (SThL). p. 177s, agrupa a lei do boi trabalhador com as leis humanitárias em Dt 15.1-18; 22.1-4,6-8; 23.16,17,20,21,25,26; 24.6,10-22; 25.1-4.

²⁴ RAD, G. von. **Deuteronomy**. London: SCM, 1961. (OTL). p. 154.

²⁵ WRIGHT, 1998, p. 479; cf. BLENKINSOPP, J. Deuteronomy. In: **JBC**. 1970. p. 116, que relaciona a proibição com Dt 5.14 e Êx 23.11; e DAVIES, G. H. Deuteronomy. In: **PCB**. 1962. p. 280.

²⁶ Cf. BOECKER, H. J. “Du sollst dem Ochsen, der da drischt, das Maul nicht verbinden” – Überlegungen zur Wertung der Natur im Alten Testament. In: JANOWSKI, B.; NEUMANN-GORSOLKE, U.; GLEßMER, U. (Hg.). **Gefährten und Feinde des Menschen**: Das Tier in der Lebenswelt des alten Israel. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1993. p. 71.

²⁷ Cf. VASANTHA RAO, C. **Let the Mother Bird Go**: Preservation Motif in Pentateuch. Hyderabad: NCWF, 1996. p. 43-63, que entende que a lei fomenta a preservação das espécies de aves.

²⁸ Para uma breve história da domesticação de animais, cf. JANOWSKI; NEUMANN-GORSOLKE; GLEßMER (Hg.), 1993, p. 62-66.

²⁹ Muitos estudiosos reconhecem a preocupação do autor do Dt pelo bem-estar dos animais em geral e pelo boi trabalhador em particular. OTTO, 1999, p. 291-300, reconhece que a série de leis aqui agrupada acompanha uma interpretação humanística com nuances de afabilidade com animais e com uma profunda preocupação com o boi debulhador; JUNKER, H. Das Buch Deuteronomium. In: **EB**. Altes Testament. Würzburg: Echter, 1955. v. 1, p. 516, afirma que a lei que proíbe atar a boca ao boi

Em segundo lugar, a lei faz parte da série de trabalhos ligados à agricultura³⁰, para os quais se utilizam os animais domésticos, tais como arar e semear (Dt 22.9-10), colher (Dt 24.19-21) e debulhar (Dt 25.4), de modo que o seu *Sitz im Leben* seria a agricultura.³¹ Numa tentativa de encontrar leis afins à lei do boi trabalhador (Dt 25.4), Nielsen reuniu seis normas do Dt relacionadas com atividades como semear, arar, debulhar, colher cereais, uvas e azeitonas, levando em conta as normas correspondentes em Lv 19, que se encontram em Dt 22.9-11; 24.19-21 e 25.4.

Em terceiro lugar, a proibição considera o boi como cotrabalhador no âmbito da agricultura ao lado de trabalhadores rurais humanos, e reivindica, assim, atenção e satisfação das “necessidades vitais” dos “servos” e dos “animais” empregados na agricultura (Dt 23.24s; 24.14s; 25.4).

2. Cultivo e colheita no mundo do Antigo Testamento

Observe-se que, no antigo Israel, a agricultura era comum tanto para moradores urbanos quanto rurais.³² A Epístola de Aristeas, ao descrever os israelitas na Palestina, afirma que “os habitantes precisam dar atenção ininterrupta à agricultura e ao cuidado do solo”³³. Os diferentes tipos de solo e as coordenadas geográficas da terra de Israel foram responsáveis por uma rica variedade de culturas. Os textos bíblicos e as descobertas arqueológicas³⁴ mencionam o cultivo de diferentes tipos

enquanto debulha quer dar a entender que se deva, num espírito aberto, dar ao animal que trabalha na colheita uma porção dessa colheita e da alegria da mesma (“sondern in großzügiger Freigiebigkeit selbst den arbeitenden Tieren einen bescheidenen Anteil an seiner Ernte und Erntefreude zukommen lasse”); DRIVER, 1895, p. 280, até faz referência a Pv 12.10, onde a pessoa justa atenta para a vida dos seus animais; cf. também DILLMANN, A. *Die Bücher Numeri, Deuteronomium und Josua*. 2. ed. Leipzig: S. Hirzel, 1886. (KEH, v. 13). p. 355; PANGRITZ, W. *Das Tier in der Bibel*. München; Basel: Ernst Reinhardt, 1963. p. 84; BERTHOLET, A. *Deuteronomium*. Freiburg; Leipzig; Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1899. (KHC, v. 5). p. 77; STEUERNAGEL, C. *Das Deuteronomium*. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1923. (HK I/3,1). p. 142; MAYES, 1979, p. 327s.

³⁰ Cf. BRAULIK, G. *Deuteronomium II 16,18-34,12*. Würzburg: Echter, 1992. (NEB.AT, v. 28). p. 185.

³¹ Cf. STEUERNAGEL, 1912, p. 179.

³² Para uma história da agricultura no antigo Israel, cf. BUTZER, K. W. *Agricultural Origins in the Near East as a Geographical Problem*. In: STRUEVER, S. (Ed.). *Prehistoric Agriculture*. Garden City; New York: Natural History, 1971. p. 209-235. (American Museum Sourcebooks in Anthropology); FLANNERY, K. V. *The Origin of Agriculture*. *Annual Review of Anthropology*, v. 2, p. 271-310, 1973.

³³ THACKERAY, H. St. J. *Translation of the Letter of Aristeas*. *JQR*, v. 15, p. 360, 1903.

³⁴ TREVER, J. C. Grain. In: *IDB*, v. 2, p. 469, 1962, relata: “Várias escavações de cidades bíblicas trouxeram à tona sobras de grãos (a maioria carbonizados) e jarras de armazenagem”. Os resultados das escavações apontam para o fato de que os primeiros povoados israelitas eram de natureza agrária; cf. FINKELSTEIN, I. *The Archaeology of the Israelite Settlement*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1988. p. 354: “A reconstrução do processo de povoamento israelita no território de Efraim, baseado nos dados de nossa pesquisa, pode servir de modelo para outras áreas da região montanhosa (apesar das características regionais do processo em geral). Num primeiro momento, a maioria dos

de frutas, verduras e especiarias. Cereais³⁵ e legumes³⁶ representam as primeiras plantas comestíveis a serem cultivadas no antigo Israel. “A série de substantivos ‘cereais, vinho novo e azeite’³⁷ ocorre frequentemente no Antigo Testamento e denota o leque da produção agrícola nativa: cultivo de cereais, viticultura e cultivo de azeitonas.”³⁸ A agricultura era o principal fator a reger a vida econômica do povo. A crítica literária da perícopes Dt 24.6-25.4, com destaque particular de Dt 24.19,20,21 e Dt 25.4, mostra como a agricultura tinha uma função central na religião judaica, na lei bíblica e na conduta social.³⁹

2.1 A debulha

À colheita segue a debulha⁴⁰, que significa: “o processo de remoção da casca das sementes de cereais maduros como trigo e cevada”⁴¹. A debulha começa geralmente no mês de junho e se estende até o fim de setembro. Durante esse tempo, os agricultores normalmente saíam de suas casas e viviam em tendas ou cavernas⁴² localizadas perto dos seus campos e das eiras.⁴³ As eiras encontravam-se fora da cidade (Jr 15.7).⁴⁴ No antigo Israel, elas pertenciam ou a um indivíduo (2Sm 24.18ss; 1Cr 21.20) ou a uma comunidade rural da região.⁴⁵ Por essa razão, por exemplo, é que Boaz dorme na eira, ao lado do monte de grãos (Rt 3.1,7).

sítios se concentrava na beira do deserto e ao lado dos vales entre as montanhas da cordilheira norte, isto é, em áreas mais próprias para o plantio de cereais e para pastagens”.

³⁵ Para uma discussão geral sobre cereais, cf. RENFREW, J. M. *Palaeoethnobotany: The Prehistoric Food Plants of the Near East and Europe*. London: Methuen, 1973. (Studies in Prehistory). p. 30-39 (Introdução Geral), p. 40-67 (Trigo) e p. 68-81 (Cevada).

³⁶ Cf. ZOHARY, D.; HOPF, M. Domestication of Pulses in the Old World. *Science*, v. 182, p. 887-894, 1973; ZOHARY, M. *Plants of the Bible*. Cambridge: A Complete Handbook to all the Plants with 200 Full-Color Plates taken in the Natural Habitat. Cambridge et al.: Cambridge University Press, 1982. p. 74-76, 82-84.

³⁷ Essa combinação aparece em Nm 18.12; Dt 7.13; 11.14; 12.17; 14.23; 18.4; 28.51; Jr 31.12; Os 2.10,24; Jl 1.10; 2.19; Ag 1.11; Ne 5.11; 2Cr 31.5; 32.28; cf. GESENNIUS, W. *Hebräisches und aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*. 18. ed. Editado por U. Rütterswörden, R. Meyer e H. Donner. Berlin et al.: Springer, 1987-1995. v. 2, p. 242.

³⁸ GOOD, R. M. Corn. In: *HBD*. 1985. p. 189.

³⁹ Cf. BOROWSKI, O. Agriculture. In: *ABD*. 1992. v. 1, p. 96.

⁴⁰ Para um processo detalhado de debulha, cf. a seção sobre “Die Ausführung des Dreschens”, em DALMAN, G. *Arbeit und Sitte in Palaestina*. Hildesheim: Georg Olms, 1964. v. 3, p. 113-116.

⁴¹ CRAWFORD, P. L. Threshing. In: *HBD*. 1985. p. 1067.

⁴² Como a caverna que ainda existe perto dos campos nas redondezas de Belém.

⁴³ Cf. ALBRIGHT, W. F. *The Archaeology of Palestine and the Bible*. Cambridge; Massachusetts: The American Schools of Oriental Research, 1974. p. 117.

⁴⁴ Cf. SMITH, S. The Threshing Floor at the City Gate. *PEQ*, v. 78, p. 5-14, 1946.

⁴⁵ Cf. DALMAN, 1964, v. 3, ilustração 12: “Tennenplatz ... von Nazareth mit Kreisgang des Dreschens um den Haufen des Gedroschenen”.

O animal comumente usado para trilhar o cereal era o boi. O seu emprego na debulha não é encontrado somente nos tempos modernos⁴⁶, mas também no antigo Israel, na antiga Babilônia⁴⁷ e no antigo Egito.⁴⁸ No Egito⁴⁹, os bois eram juntados por um jugo e tocados por uma vara ou bordão.⁵⁰

2.2 Atar a boca dos animais enquanto debulham

Atar a boca ao boi que debulha os grãos na eira era obviamente considerado ilegal pelo autor do Dt. A implementação dessa proibição dava ao boi ampla oportunidade de comer sem empecilhos durante o trabalho. Além disso, por ser um trabalho mais leve, os bois pareciam gostar mais de debulhar cereais do que arar, pois, como escreve Oseias: “Efraim era uma bezerra domada, que gostava de trilhar” (Os 10.11).

A prática de atar a boca era diferente nos diversos lugares e com pessoas diferentes. Relatos do século XIX revelam que, perto de Jericó, os bois de cristãos eram atados, enquanto os de muçulmanos não.⁵¹ No antigo Egito, bois eram usados para trilhar o grão, mas não há evidência de que tenha sido usada focinheira.⁵²

Dalman também documenta relatos semelhantes sobre bois sendo atados e não atados ao debulhar.⁵³ Ele também descreve em detalhe a construção de um buçal. Um buçal consistia, no começo do século XX, de galhos trançados em círculo e afixados à boca do animal com cordas amarradas atrás dos chifres. Dalman apresenta fotografias de bois amordaçados debulhando na Palestina.⁵⁴ Essa situação poderia ter sido a mesma no tempo da incorporação da proibição de Dt 25.4 no Código Deuteronomico pelos autores do mesmo.

A literatura rabínica tardia apresenta claros indícios de que também outros animais eram empregados para os mesmos fins⁵⁵, já que a proibição de atar a boca ao boi que debulha (Dt 25.4) foi estendida a outros animais.

⁴⁶ Para bois empregados na debulha na Síria moderna, cf. *Altorientalische Bilder*, tábuas LXXIV, figuras 168 e 169.

⁴⁷ Cf. The Hammurabi Laws “Hire of Animals and Equipment” (L 268). In: RICHARDSON, M. E. J. (Ed.) **Hammurabi’s Laws**: Text, Translation and Glossary. Sheffield: Sheffield, 2000. p. 115.

⁴⁸ GUIDE, p. 11: “a debulha era feita pelo gado que era guiado em volta da eira”.

⁴⁹ Cf. JAMES, T. G. H. **Pharaohs Volk**: Leben im alten Ägypten. Tr. por H. Jenni do inglês “Pharaohs People” [1984]. 2. ed. Zürich; München: Artemis, 1989. p. 132, ilustração 10, onde juntas de bois eram usadas para debulhar.

⁵⁰ WRESZINSKI. **Atlas**. Fig. 72, 189, 193, 231, 234; cf. HARTMANN. *L’Agriculture*. p. 137 apud DALMAN, 1964, v. 3, p. 108, n. 3.

⁵¹ Rob. BR. i. 550 apud DRIVER, 1895, p. 280.

⁵² Cf. DALMAN, 1964, v. 3, p. 99.

⁵³ DRIVER, 1895, p. 280.

⁵⁴ Cf. DALMAN, 1964, v. 3, ilustração 15, onde um boi é amordaçado enquanto debulha: “Dreschendes Rind mit Holzring [...] und Maulkorb”.

⁵⁵ BIETENHARD, H. (Ed.). **Der tannaitische Midrash**: Sifre Deuteronomium. Bern et al: Peter Lang, 1984. (JudChr, v. 8). § 287, p. 660; M. BQ 5:7; bT. BQ 54b, cf. DALMAN, 1964, v. 3, p. 98.

3. A preocupação do autor deuteronomista pelas “necessidades vitais” do boi debulhador

Já que as proibições não vêm acompanhadas da respectiva argumentação, é sempre uma tarefa desafiadora tentar inferir o significado e a exata intenção do autor do Dt. Mesmo assim, o contexto da proibição, seu lugar literário e os temas aparentemente relacionados com a proibição possivelmente indicam numa direção. Em todo caso, é preciso admitir que o significado primeiro e a intenção original do autor de Dt talvez tenham sido totalmente diferentes do que está sendo postulado aqui.

3.1 A necessidade vital de comer

O autor do Dt parece tratar da necessidade de ter consideração pelas “necessidades vitais” do boi trabalhador que debulha.

Pode-se, no entanto, também pensar que a proibição referente ao boi debulhador tenha sido influenciada por motivos egoístas, já que se trata de um animal doméstico que é posto a trabalhar por seres humanos em prol de interesses humanos. Se assim for, a pergunta que se coloca é: essa lei é egoísta? Certamente se poderia responder afirmativamente a essa questão, pois esse tipo de raciocínio não pode ser descartado; mas isso não seria tudo que o autor de Dt pretende alcançar. O interesse do autor de Dt parece ir além de tal raciocínio, no sentido de uma verdadeira preocupação com a vida e o comportamento instintivo do boi.

Na proibição e através dela, o autor parece, em primeiro lugar, preocupado em minimizar o uso instrumental do boi que está debulhando. Ele pretende superar a exploração desenfreada do animal trabalhador.⁵⁶ Não se pode permitir que um dono use seu boi para seus próprios fins como bem entender. O autor do Dt sente a necessidade de proteger o boi trabalhador da manipulação por parte de seu dono poderoso e injusto.⁵⁷ A lei acerca do boi trabalhador pretende, portanto, apelar para a consciência moral do que utiliza o boi⁵⁸, exigindo uma postura ética⁵⁹ que leve em consideração as necessidades básicas do boi trabalhador.

⁵⁶ BOECKER, 1993, p. 70: “Die Intention des Rechtssatzes von Dtn 25,4 zielt, so erstaunlich das zunächst erscheinen mag, eindeutig dahin, das für den Menschen arbeitende Tier nicht hemmungslos auszubeuten, ihm vielmehr einen angemessenen Anteil an der Frucht seiner Arbeit zukommen zu lassen”.

⁵⁷ Cf. HENRY, M. L. Das Tier im religiösen Bewußtsein des alttestamentlichen Menschen. In: JANOWSKI; NEUMANN-GORSOLKE; GLEßMER (Hg.), 1993, p. 39.

⁵⁸ Cf. LISOWSKY, G. Dtn 25,4 ...Du sollst dem Rind bei seinem Dreschen nicht das Maul verbinden in Religionsgesetzlicher und ethischer Sicht erläutert. In: MAASS, F. (Ed.). **Das ferne und nahe Wort**. Festschrift L. Rost. Berlin: Alfred Töpelmann, 1967. p. 144-152. (BZAW, v. 105). p. 151.

⁵⁹ STEUERNAGEL, 1912, p. 202: “Aber der Dienst Jahwes erschöpft sich nicht in Kulthandlungen. Er ist eine ethische Persönlichkeit, und so fordert er von seinem Volke auch ein seinem eigenen Charakter entsprechendes ethisches Verhalten”.

Em outras palavras, o boi não deveria ser tratado como mero “objeto”⁶⁰ usado na debulha, mas considerado um cotrabalhador e companheiro⁶¹ em todo o trabalho agrícola. Com isso, deve-se atentar para certos aspectos importantes relacionados ao boi trabalhador, em razão dos quais o autor deuteronomista busca proteger o boi, estabelecendo, através da proibição, uma norma que o dono precisa respeitar e reforçar: a norma que permite que o boi siga livremente o seu instinto de comer enquanto trabalha.

O autor do Dt reconhece a necessidade básica que tanto os seres humanos trabalhadores como o boi trabalhador têm de comer. Por isso estabelece essa determinação no código de lei. Dt 23.25-26 estabelece que os trabalhadores humanos podem comer enquanto trabalham. Uma vez que o boi trabalhador e os trabalhadores humanos são considerados iguais no contexto do trabalho agrícola, a lei deuteronômica também permite que o boi debulhador coma enquanto trabalha (Dt 25.4)! Tanto trabalhadores humanos como trabalhadores animais têm o direito de comer enquanto trabalham, de forma que “atar um animal claramente viola esse direito e inflige sofrimento ao animal”⁶². Com a boca atada, o animal se encontra constantemente atormentado por ter o grão debaixo de seus pés sem nunca poder alcançá-lo. A boca não deve ser atada a fim de que a vida seja preservada!⁶³

Uma das necessidades vitais de um boi debulhador é seguir o seu impulso instintivo de comer o produto agrícola que está sendo debulhado. O boi debulhador é colocado numa situação em que tudo que é debulhado parece ser sua forragem. Palmer observa que, por exemplo, a cevada, um cereal de inverno, também é usada como forragem para os animais.⁶⁴ A palha⁶⁵ que resulta da debulha do trigo também é usada como forragem para o boi. Assim o instinto do boi é aguçado quando esse se encontra no meio daquele grão que parece ser sua forragem.⁶⁶ Cornhill comenta realisticamente o que significa “ter comida diante dos próprios olhos sem poder comê-la”!⁶⁷ É possível imaginar que o forte instinto do boi vá, com naturalidade, impulsioná-lo a comer de sua própria forragem enquanto estiver debulhando;

⁶⁰ GRÄBER, E. Ehrfurcht vor dem Leben. In: RÖHRIG, E. (Ed.). **Der Gerechte erbarmt sich seines Viehs**: Stimmen zur Mitgeschöpflichkeit. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1992. p. 98, ecoa o pensamento dizendo: “Tiere sind keine leblosen Sachen”.

⁶¹ GRÄSSER, 1992, p. 93: “[...] Tiere niemals nur zum bloßen Nutzobjekt verkommen können, weil sie wie *Partner* verstanden werden”.

⁶² SCHOCHET, E. J. **Animal Life in Jewish Tradition**: Attitudes and Relationships. New York: Ktav, 1984. p. 154.

⁶³ V. bT. BM 88b, cf. BILLERBECK, v. 3, p. 385.

⁶⁴ Cf. PALMER, C. **Following the plough**: the Agricultural Environment of Northern Jordan. Levant, 1998. v. 30, p. 135.

⁶⁵ Cf. PALMER, 1998, p. 151.

⁶⁶ SCHMITZ-KAHMEN, F. **Geschöpfe Gottes unter der Obhut des Menschen**. Die Wertung der Tiere im Alten Testament. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1997. (NThDH, 19). p. 105s, expressa o mesmo raciocínio: “In erster Linie soll nicht wider das instinktive Freißbedürfnis gehandelt werden, das dann beim Tier geweckt wird, wenn es inmitten des Getreides seine Arbeit verrichtet”.

⁶⁷ Citado em SCHOCHET, 1984, p. 58, n. 112.

também se pode imaginar a dor – o estresse psicológico e biológico – que o boi sofreria se fosse impedido de comer por uma focinheira. A focinheira causa sofrimento ao boi debulhador. Assim como seres humanos, também bois experimentam ânsia de fome quando colocados perto de alimentos. Isso é verdadeiro mesmo fora do contexto do trabalho agrícola. Schochet observa o argumento de Moses Sofer (Hatam Sofer, 1726-1839), que afirma que seria errado atar um animal tanto no campo como fora do campo.⁶⁸ Os animais não deveriam ser impedidos de viver os seus instintos e de satisfazer a sua fome. Deus não faz isso e nós também não deveríamos fazê-lo – assim devem ser entendidos, ao que parece, o conceito e a determinação do autor do Dt.

3.2 A necessidade vital de animais de comer de acordo com o Antigo Testamento

A afirmação de Moses Sofer de que é algo errado atar um animal mesmo quando esse não estiver na debulha enfatiza o aspecto de que a “necessidade vital” do boi é a mesma, esteja ele debulhando ou não. Dever-se-ia permitir, então, que o boi siga seu impulso instintivo ou forte desejo e sacie, em todos os momentos, a necessidade básica de comer para o próprio sustento. Assim, a necessidade do boi de comer deveria ser atendida quando estiver trabalhando no campo ou quando estiver em casa sem trabalhar ou mesmo quando estiver andando no caminho.

Esse é o etos geral da Escritura hebraica. Essa provê ampla evidência do fato de que todas as criaturas vivas são beneficiárias do cuidado providencial divino.

Ao plasmar essa sua preocupação numa lei (Dt 25.4), o autor deuteronomista a entende como sendo dever de cada israelita. O livro de Provérbios menciona que uma das características de uma pessoa justa é “atentar para a vida do seu animal” (Pv 12.10). O substantivo *nps*h significa “vida”⁶⁹ ou “alma”⁷⁰ no sentido literal, mas também pode significar “apetite” ou “desejo”⁷¹. Considerando textos bíblicos como Pv 10.3; 13.25; 27.7; Sl 107.9,18 e Is 56.11, Schochet corretamente conclui que “em várias ocasiões o termo se refere especificamente ao desejo por comida”⁷². Portanto, uma pessoa justa é uma pessoa que respeita o “apetite” ou “o desejo por comida” do animal, em outras palavras, o seu instinto de comer e saciar a fome.

O livro do Deuteronômio proclama a preocupação de Deus com a necessidade vital de sustento dos animais até fora do Código Deuteronômico: “Darei erva no vosso campo aos vossos gados, e comereis e vos fartareis” (Dt 11.15). Os sábios rabinos interpretaram essa preocupação como dar prioridade máxima à

⁶⁸ Cf. SCHOCHET, 1984, p. 266, n. 88.

⁶⁹ Cf. KOEHLER, L; BAUMGARTNER, W. *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament*. v. 3, p. 673.

⁷⁰ Cf. KOEHLER; BAUMGARTNER, v. 3, p. 673.

⁷¹ Cf. **BDB**, p. 659.

⁷² SCHOCHT, 1984, p. 59.

alimentação dos animais. Os israelitas não deveriam comer ou beber antes de ter alimentado os seus animais.⁷³ Os rabinos estipularam que, mesmo sendo hóspede na casa de outra pessoa, ninguém deveria comer antes de ter alimentado, em casa, os seus próprios animais.⁷⁴

A venda de animais domésticos ou selvagens era proibida, a não ser que o seu sustento estivesse garantido pelo comprador.⁷⁵

Todos os animais buscam a sua comida de Deus. O salmista expressa isso claramente quando escreve: “Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo” (Sl 104.27; 145.15); “Os leõezinhos rugem pela presa, e buscam de Deus o sustento” (Sl 104.21). O Senhor dos animais provê o seu sustento. Ele abre a sua mão e satisfaz cada criatura com benevolência.⁷⁶ Ele faz crescer a relva para o gado.⁷⁷ “E dá o alimento aos animais e aos filhos dos corvos, quando clamam” (Sl 147.9). O salmista louva a ele por este ato benevolente: “Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens” (Sl 104.28).

Na legislação rabínica, a preocupação em alimentar os animais se sobrepõe às proibições do sábado.⁷⁸ Pressuposto básico desse princípio é que “a ameaça à vida tem precedência sobre a santidade do sábado”⁷⁹, e que “qualquer que viole o sábado por causa da ameaça à vida está livre de castigo”⁸⁰. Um israelita tem, portanto, a obrigação de prover alimento para suas aves e seu gado domésticos também no sábado. Os animais domésticos dependem, para o seu sustento, totalmente de seus donos, pois não têm condições de buscar forragem para si próprios. Essa exigência resulta, numa discussão haláquica, no relaxamento das regras do sábado para o bem dos animais. Por exemplo, as coisas que devem ser, de fato, “deixadas de lado” no sábado podem ser servidas como alimento para os animais no sábado, como observa o Talmude Babilônico:

Nossos rabinos ensinaram: Podemos manusear *hazab*, porque é comida para as gazelas, e mostarda porque é comida para os pombos. Rabbi Simeon b. Gamaliel disse: “Podemos manusear fragmentos de vidro porque é comida para os avestruzes

⁷³ bT. Git 62a: “Folgendes sagte R. Jehuda im Namen Rabhs: Man darf nichts geniessen, bevor man seinem Vieh Futter gereicht hat, denn es heisst: *ich werde Gras auf deinen Fluren für dein Vieh geben, und erst nachher: du sollst essen und satt werden.*” Cf. bT. Ber 40a.

⁷⁴ Cf. Gn 24 e bT. Git 62a.

⁷⁵ pT. Ket 4:8; Jeb 15,3: “R. Eleazer Haqqappar exclamou, ‘Um homem não tem o direito de comprar um animal doméstico, selvagem, ou um pássaro, a não ser que ele possa prover o seu sustento’”.

⁷⁶ Sl 145.16.

⁷⁷ Sl 104.14.

⁷⁸ Para um estudo detalhado sobre o conceito do sábado, cf. ROBINSON, G. **The Origin and Development of the Old Testament Sabbath: A Comprehensive Exegetical Approach.** Frankfurt a. M. et al.: Peter Lang, 1988. (BET, v. 21). Cf. também KIKER, C. W. **The Sabbath in the Old Testament.** Michigan: University Microfilms, 1969.

⁷⁹ NEMOY, L. **Karaite Anthology: Excerpts from the Early Literature.** New Haven: Yale University Press; London; Geoffrey Cumberlege: Oxford University Press, 1952. (YJS, v. 7). p. 269.

⁸⁰ NEMOY, 1952, p. 269.

[...] feixes de palha, feixes de galhos e feixes de brotos, se são preparados para ser forragem de animal, podem ser manuseados, se não, não podem ser manuseados [...]. Ossos podem ser manuseados, porque são comida para cachorros; carne podre, pois é comida para as feras, água descoberta, por ser comida para um gato”⁸¹.

Uma das proibições do sábado é atar e desatar nós. Desatar feixes, porém, é permitido quando servirem de forragem para os animais.⁸² As estipulações rabínicas permitiam que uma pessoa resgatasse do fogo certa quantidade de forragem para os animais (ou também comida para si), o que, em outros casos, não seria considerado um ato legítimo no sábado.⁸³

4. Panorama da história da interpretação

4.1 Necessidade vital de proteger do calor as patas do boi debulhador

Na esteira do etos deuteronômico acerca do bem-estar do animal, os sábios rabinos corretamente reconheceram que se devem levar seriamente em consideração as necessidades vitais do boi que debulha. Além de não atar a boca do boi, permitindo que se alimente enquanto esse trabalha, os sábios rabínicos reconheceram outra “necessidade vital” do boi debulhador. Palmer relatou que um boi é capaz de trabalhar de seis a oito horas por dia e uma vaca, de duas a três horas.⁸⁴ Com jornadas tão longas de trabalho, o boi pode sofrer vários efeitos no decorrer do processo da debulha. A sensibilidade rabínica fez com que os antigos mestres percebessem que o boi, nessas circunstâncias, sofre com o calor causado pela fricção que se dá com o constante esfregar da pata na palha. A necessidade de resfriar as patas parecia ser a mais importante para o boi debulhador. Por isso a lei rabínica estipula que, enquanto durar a debulha, os animais cansados podem colocar suas patas em água para aliviar o estresse e a dor.⁸⁵

4.2 Necessidade vital de proteger o boi debulhador de tontura

A sensibilidade rabínica também levou os sábios a reconhecerem outros efeitos no boi debulhador. Quando o boi está debulhando os grãos na eira, ele realiza continuamente um movimento circular na mesma direção e com passo constante por horas a fio. Os rabinos reconheceram que tal movimento era um suplício para o boi debulhador. Por isso até permitem vendar os olhos dos bois para evitar que

⁸¹ bT. Schab 128a-128b; cf. SCHOCHET, 1984, p. 156s.

⁸² bT. Schab 128a-128b; cf. SCHOCHET, 1984, p. 157.

⁸³ V. M. Schab 16:2; cf. SCHOCHET, 1984, p. 157.

⁸⁴ Cf. PALMER, 1999, p. 143, tábua 5, intitulada: “Poder normal de tração e de trabalho de diversos animais”.

⁸⁵ V. M. Makh 3,8, cf. DALMAN, 1964, v. 3, p. 107s, n. 1.

esses fiquem tontos enquanto trabalham. Existe, portanto, uma sensibilidade para as necessidades psicológicas e biológicas do boi trabalhador, as quais devem ser levadas em consideração pelo agricultor que o emprega na debulha.⁸⁶

5. Adaptação da proibição de atar a boca do boi que debulha para situações do cotidiano

A lei rabínica deixa claro que a proibição de Dt 25.4 também se aplica a outros animais na debulha.⁸⁷ Interessante é observar que, para a debulha, permite-se formar uma parilha de animais diferentes, o que, no entanto, não é permitido para arar.⁸⁸

Sabemos que uma proibição apodítica não vem acompanhada de punição. Na literatura rabínica, no entanto, há evidência de que a violação da proibição de atar a boca ao boi enquanto debulha (Dt 25.4) deve ser punida com 40 chicotadas⁸⁹ – no caso do boi ser emprestado ou alugado.

Outras leis se referem ao comportamento do agricultor quando o animal estiver debulhando com a boca não atada. O agricultor é alertado a não gritar com o animal para fechar sua boca durante a debulha, porque isso impediria o animal de consumir o grão debulhado. Conforme R. Jochanan (ca. 279 d.C.), o agricultor que grita com o boi é considerado culpado e, por conseguinte, está sujeito à punição.⁹⁰

Um israelita tinha que cumprir cada lei, mesmo quando debulhasse com o boi de um não israelita. Mas um não israelita não estava preso à lei quando fazia o seu trabalho de debulha com o boi de um israelita. Quanto a isso, a Tosefta diz:

O israelita que debulhar o grão com o boi de um gentio está sujeito a transgredir a lei que proíbe atar a boca ao boi. E o gentio que debulhar o grão com o boi de um israelita não está sujeito a transgredir a lei que proíbe atar a boca ao boi.⁹¹

A passagem da Tosefta faz parte da discussão haláquica de como interpretar a lei em Israel. Existem três casos possíveis: um trabalhador israelita e um boi israelita, um trabalhador israelita e um boi gentio, e um trabalhador gentio e um boi israelita. O problema reside nos dois últimos casos, pois em ambos está envolvido

⁸⁶ Vendar os olhos dos bois também é prática usada na Índia quando esses são empregados para girar o moinho na indústria doméstica de óleo artesanal, precisamente com o objetivo de evitar que fiquem tontos por causa das constantes voltas que dão.

⁸⁷ T. Kil 5,11; T.BM 8,12, cf. DALMAN, 1964, v. 3, p. 99.

⁸⁸ T. BM 8,12.

⁸⁹ bT. BM 90b, cf. LISOWSKY, 1967, p. 148.

⁹⁰ bT. BM 90b; bT. Sanh 65b, mas, na mesma seção, Resch Laqisch (ca. 250 d.C.) considera-o não punível, cf. DALMAN, 1964, v. 3, p. 99.

⁹¹ T. BM 8,11A e B; NEUSNER, J. (Ed.). **The Tosefta**, Fourth Division Neziqin (the Order of Damages). New York: Ktav, 1981. p. 119.

um israelita, quer como trabalhador quer como dono do boi, o que requer clarear as responsabilidades.

No caso de um boi ser emprestado a uma pessoa para debulhar o seu grão, o dono do boi podia deixar o boi ter fome para que esse comesse bastante do grão a ser debulhado.⁹²

Em caso do boi ter sido atado, o dono do animal podia exigir reparação de danos porque o animal fora impedido de se alimentar enquanto trabalhava. As regras rabínicas estipulam a quantidade mínima de forragem que o dono podia exigir como reparação de danos. A reivindicação de reparação de danos difere de animal para animal. Por exemplo, “aquele que atar um boi não deveria dar menos do que seis *qabs* [de forragem] e, no caso de um burro, três *qabs*”⁹³.

Numa tentativa de adaptar a lei de Dt 25.4 às situações da vida diária, construíram-se várias possibilidades práticas. O dono do animal debulhador tinha que alimentar o animal a contento antes de começar a debulha, para que o animal consumisse só pouco enquanto debulhava.⁹⁴ Ao agricultor era permitido abrir um feixe de palha e espalhá-la sobre o grão a ser debulhado, para que o animal não comesse demais do grão que estava sendo debulhado.⁹⁵

A lei rabínica permitia pendurar um cesto à boca com o mesmo tipo grão ou, então, com qualquer outro tipo de grão de que o boi gostava quando o mesmo estava debulhando o grão. Desse grão tinha que ser retirada uma “oferta alçada ou um segundo dízimo”. Isso se fazia para não impedir o animal de comer enquanto debulhava, a fim de que a proibição de atar o boi que debulha de Dt 25.4 não fosse transgredida⁹⁶ no momento da oferta sagrada.

Quanto à observação do sábado, os bois não deveriam sair com uma focinheira.⁹⁷ Assim como acontecia com outros trabalhos como ceifar, colher, joeirar e peneirar, também a debulha era proibida no sábado.⁹⁸

Deve-se observar que os animais estavam acostumados a ter suas bocas atadas. Eles regularmente usavam uma focinheira quando iam para os campos de pastagem para impedir que pastassem nos campos que pertenciam a estrangeiros.⁹⁹ Mas à pergunta feita pelo R. Jonathan (ca. 220 d.C.) ao R. Simai se um animal poderia ser atado fora da eira antes de começar a debulhar, o último respondeu que o Compassivo falara: os bois não devem ser atados em nenhuma das duas circunstâncias: nem na eira nem fora da eira. Ele ainda afirma que Deus diria que não se

⁹² bT. BM 90a, cf. BILLERBECK, v. 3, p. 383.

⁹³ T. BM, 8,12; bT. BM 91a, bT. BM 90b, cf. BILLERBECK, v. 3, p. 384.

⁹⁴ Cf. BILLERBECK, v. 3, p. 382.

⁹⁵ bT. BM 90a, cf. BILLERBECK, v. 3, p. 383.

⁹⁶ V. M. Ter 9,3; T. Ter 8,3; T. BM 8,10, 11; bT. BM 89b, 90a, cf. DALMAN, 1964, v. 3, p. 99. n. 2; e HENRY, M. L. Das Tier im religiösen Bewußtsein des alttestamentlichen Menschen. In: JANOWSKI; NEUMANN-GORSOLKE; GLEBMER (Hg.), 1993, p. 39.

⁹⁷ T. Schab 4,5C: “O boi não sairá com a sua focinheira”; cf. Gen R XLI,5.

⁹⁸ V. bT. BM 105, apontado em DALMAN, 1964, v. 3, p. 113, n. 2.

⁹⁹ Cf. BILLERBECK, v. 3, p. 382.

deve debulhar quando a boca do boi estiver atada.¹⁰⁰ Enquanto se estabelece, aqui, uma base teológica para o cumprimento rígido da proibição, Rammi b. Chama (ca. 320 d.C.), através de perguntas retóricas, permite a transgressão da proibição. Ele pergunta: “Que aconteceria se um espinho ficasse preso na boca de um animal ao comer da eira?” Ele pergunta ainda se se deve ou não remover o espinho da boca do animal. Para evitar esse possível perigo, ele sugere que o melhor é atar o boi enquanto debulha.¹⁰¹

Na tradição judaica, a lei de Dt 25.4 finalmente se tornou relevante a todos os seres vivos. À pergunta por que a lei só se aplicava ao boi e ao burro, respondeu-se que a lei sempre é formulada em conexão com os animais comumente mais usados. Rashi explica que, mesmo que Dt 25.4 mencione particularmente o boi, a lei vale para toda a família animal.¹⁰² Assim, a lei é considerada como um princípio geral aplicável a todos os animais: tanto ao gado quanto aos animais selvagens e também pássaros. Portanto, o princípio “Não atarás a boca” é considerado como se referindo a todos os seres em geral.¹⁰³ Além disso, a lei é aplicável a todos os tipos de trabalho, não só ao ato de debulhar.¹⁰⁴

6. Conclusão

A lógica da proibição não é revelada pelo autor deuteronomista. Assim, a tarefa de encontrar uma lógica da proibição em época tão afastada de seu contexto, tempo e espaço certamente constitui um problema. Porém um estudo do contexto literário em que a proibição está inserida fornece indicativos para um entendimento razoável.

O autor deuteronomista parece estar preocupado com a vida e o bem-estar do boi trabalhador. O seu interesse parece estar no reconhecimento e satisfação das “necessidades vitais” do boi trabalhador. E uma dessas “necessidades vitais” é, de acordo com a proibição, a de permitir que o boi viva livremente e siga o seu instinto de comer e saciar a fome. Os sábios rabínicos, seguindo o etos deuteronômico do bem-estar animal, mantiveram a preocupação com o boi debulhador e até reconheceram novas áreas que mereciam atenção, tais como permitir que o boi colocasse suas patas na água para aliviar-se do calor causado pela fricção. Além disso, os sábios rabinos também atentaram para a necessidade de vendar os olhos do boi debulhador para evitar a tontura resultante dos constantes giros por longas horas.

Na história da recepção, a proibição foi aprofundada pela literatura rabínica, tendo sido estendida a todos os animais, a todos os trabalhos e a todos os tempos.

¹⁰⁰ bT. BM 90a, cf. BILLERBECK, v. 3, p. 383.

¹⁰¹ bT. BM 90a, cf. BILLERBECK, v. 3, p. 383.

¹⁰² Cf. ROSENBAUM; SILBERMANN, [s.d.], p. 121b.

¹⁰³ Cf. BIETENHARD, 1984, § 287, p. 660; a Sifre aponta também para M. BQ 42s.

¹⁰⁴ Citado por SCHOCHET, 1984, p. 58, n. 112.

Houve argumentos e arrazoados eloquentes tanto em favor da proibição quanto em favor da transgressão da mesma. Estabeleceram-se normas para orientar as ações de israelitas e não israelitas sobre a matéria.

Cada uma dessas percepções e interpretações é, à sua maneira, verdadeira. Mas a relevância da proibição e a preocupação com o boi trabalhador ficam abaladas, de forma semelhante à pergunta retórica de Paulo: “Acaso é com bois que Deus se preocupa?” (1Co 9.9). À luz da intenção que se percebe no autor deuteronomista, a pergunta de Paulo teria que ser respondida com um claro “sim!” Deus está preocupado com os bois!¹⁰⁵ Deus está preocupado com o boi trabalhador! Deus está preocupado com “as necessidades vitais” do boi debulhador! E, além disso, Deus está preocupado com cada animal e com o seu bem-estar e, por conseguinte, com a eliminação de toda dor infligida por seres humanos. Que Deus abençoe todas as associações dedicadas ao bem-estar dos animais e que lutam pela nobre causa dos direitos dos animais, que lhes foram dados por Deus!

Abreviações

Para as abreviaturas consulte VASANTHA RAO, Chilkuri. **Ecological and Theological Aspects of Some Animal Laws in the Pentateuch**. New Delhi: ISPCK, 2005.

Bibliografia¹⁰⁶

- ALBRIGHT, W. F. **The Archaeology of Palestine and the Bible**. Cambridge; Massachusetts: The American Schools of Oriental Research, 1974.
- BERTHOLET, A. **Deuteronomium**. Freiburg; Leipzig; Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1899. (KHC, v. 5).
- BIETENHARD, H. (Ed.). **Der tannaitische Midrash: Sifre Deuteronomium**. Bern et al: Peter Lang, 1984. (JudChr, v. 8).
- BLENKINSOPP, J. Deuteronomy. In: **JBC**. 1970. p. 101-122.
- BOECKER, H. J. “Du sollst dem Ochsen, der da drischt, das Maul nicht verbinden” – Überlegungen zur Wertung der Natur im Alten Testament. In: JANOWSKI, B.; NEUMANN-GORSOLKE, U.; GLEBMER, U. (Hg.). **Gefährten und Feinde des Menschen: Das Tier in der Lebenswelt des alten Israel**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1993. p. 67-84.
- BOROWSKI, O. Agriculture. In: **ABD**. 1992. v. 1, p. 95-98.
- BRAULIK, G. **Deuteronomium II 16,18-34,12**. Würzburg: Echter, 1992. (NEB.AT, v. 28).

¹⁰⁵ BOECKER, 1993, p. 68: “[...], sondern ganz eindeutig die Antwort ‚ja‘ gegeben werden muß”.

¹⁰⁶ As abreviações bibliográficas e suas expansões são como as encontradas em SCHWERTNER, S. M. (Ed.). **Theologische Realenzyklopaedie**. Internationales Abkürzungsverzeichnis für Theologie und Grenzgebiete. 2. ed. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1994. As abreviações dos textos rabínicos são como as encontradas em STEMBERGER, G. **Einleitung in Talmud und Midrash**. 8. ed. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Oscar Beck), 1992.

- BRENTON, S. L. C. L. **The Septuagint with Apocrypha**: Greek and English. 14. ed. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1988.
- BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. **A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**: With an Appendix Containing the Biblical Aramaic. Oxford: Clarendon, 1957.
- BRÜLL, A. (Ed.). **Das Samaritanische Targum zum Pentateuch**. Hildesheim; New York: Georg Olms, 1971.
- BUTZER, K. W. Agricultural Origins in the Near East as a Geographical Problem. In: STRUEVER, S. (Ed.). **Prehistoric Agriculture**. Garden City; New York: Natural History, 1971. p. 209-235. (American Museum Sourcebooks in Anthropology).
- CRAWFORD, P. L. Threshing. In: **HBD**. 1985. p. 1067.
- DALMAN, G. **Arbeit und Sitte in Palaestina**. Hildesheim: Georg Olms, 1964. 7 v.
- DANBY, H. (Ed.). **The Mishna**. London: Oxford University Press, 1954.
- DAVIES, G. H. Deuteronomy. In: **PCB**. 1962. p. 269-284.
- DILLMANN, A. **Die Bücher Numeri, Deuteronomium und Josua**. 2. ed. Leipzig: S. Hirzel, 1886. (KEH, v. 13).
- DRIVER, S. R. **Deuteronomy**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1895. (ICC).
- EISSFELDT, O. **Einleitung in das Alte Testament**. 4. ed., 3. reimpr. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1976. (NTG).
- FINKELSTEIN, I. **The Archaeology of the Israelite Settlement**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1988.
- FLANNERY, K. V. The Origin of Agriculture. **Annual Review of Anthropology**, v. 2, p. 271-310, 1973.
- FRAADE, S. D. **From Tradition to Commentary: Torah and Its Interpretation in The Midrash Sifre to Deuteronomy**. Albany: State University of New York, 1991.
- GALL, A. F. von (Ed.). **Der Hebräische Pentateuch der Samaritaner**. Giessen: Alfred Töpelmann, 1918. (Part V, Deuteronomium - Nachträge und Verbesserungen).
- GENR, F.; SIMON, H.; SIMON, M. (Eds.). **Midrash Rabbah Genesis I**. London & Bournemouth: Soncino, 1951.
- GESENNIUS, W. **Hebräisches und aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament**. 18. ed. Editado por U. Rüterswörden, R. Meyer e H. Donner. Berlin et al.: Springer, 1987-1995. v. 1- 2.
- GOLDSCHMIDT, L. (Hg.). **bT. (Babylonian Talmud)**. Der Babylonische Talmud. Mit Einschluss der vollständigen Misna. Haag: Martinus Nijoff, 1933-1935. 9 v.
- GOOD, R. M. Corn. In: **HBD**. 1985. p. 189.
- GRÄBER, E. Ehrfurcht vor dem Leben. In: RÖHRIG, E. (Ed.). **Der Gerechte erbarmt sich seines Viehs**: Stimmen zur Mitgeschöpflichkeit. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1992. p. 92-102.
- HASSE, R. Körperliche Strafen in den altorientalischen Rechtssammlungen: Ein Beitrag zum altorientalischen Strafrecht. **RI DA**, Series 3, v. 10, p. 55-75, 1963.
- HENRY, M. L. Das Tier im religiösen Bewußtsein des alttestamentlichen Menschen. In: JANOWSKI, B.; NEUMANN-GORSOLKE, U.; GLEßMER, U. (Hg.). **Gefährten und Feinde des Menschen**: Das Tier in der Lebenswelt des alten Israel. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1993. p. 20-61.
- JAMES, T. G. H. **Pharaos Volk**: Leben im alten Ägypten. Tr. por H. Jenni do inglês "Pharaohs People" [1984]. 2. ed. Zürich; München: Artemis, 1989.

- JANOWSKI, B.; NEUMANN-GORSOLKE, U.; GLEßMER, U. (Hg.). **Gefährten und Feinde des Menschen: Das Tier in der Lebenswelt des alten Israel.** Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1993.
- JUNKER, H. Das Buch Deuteronomium. In: **EB.** Altes Testament. Würzburg: Echter, 1955. v. 1, p. 444-549.
- KAUFMAN, S. A. **The Structure of the Deuteronomic Law.** Maarav, 1978-79. v. 1/2, p. 105-158.
- KIKER, C. W. **The Sabbath in the Old Testament.** Michigan: University Microfilms, 1969.
- KOCH, K. **The Growth of the Biblical Tradition: The Form-Critical Method.** London: Adam & Charles Black, 1969.
- LISOWSKY, G. Dtn 25,4 ...Du sollst dem Rind bei seinem Dreschen nicht das Maul verbinden in Religionsgesetzlicher und ethischer Sicht erläutert. In: MAASS, F. (Ed.). **Das ferne und nahe Wort.** Festschrift L. Rost. Berlin: Alfred Töpelmann, 1967. p. 144-152. (BZAW, v. 105).
- MAIMONIDES, M. **The Guide of the Perplexed.** Translated with an Introduction and Noted by S. Pines, with an Introductory Essay by L. Strauss. Chicago; London: The University of Chicago Press; Toronto: The University of Toronto Press, 1963.
- MAYES, A. D. H. **Deuteronomy.** London: Oliphants, 1979. (NCeB, v. 4).
- McBRIDE Jr., S. D. Deuteronomium. In: **TRE.** 1981. v. 3, p. 530-543.
- NEMOY, L. **Karaite Anthology: Excerpts from the Early Literature.** New Haven: Yale University Press; London: Geoffrey Cumberlege: Oxford University Press, 1952. (YJS, v. 7).
- NEUSNER, J. (Ed.). **The Tosefta,** Fourth Division Neziqin (the Order of Damages). New York: Ktav, 1981.
- _____. **p.T. (Palestinian Talmud).** The Talmud of the Land of Israel. A Preliminary Translation and Explanation. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1982. (Chicago Studies in the History of Judaism: v. 21: Yabamot; v. 22: Ketubot).
- OTTO, E. **Das Deuteronomium: Politische Theologie und Rechtsreform in Juda und Assyrien.** Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1999. (BZAW, v. 284).
- OTTO, E. **Körperverletzungen in den Keilschriftrechten und im Alten Testament: Studien zum Rechtstransfer im Alten Orient.** Kevelaer; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1991. (AOAT, v. 226).
- PALMER, C. **Following the plough: the Agricultural Environment of Northern Jordan.** Levant, 1998. v. 30, p. 129-165.
- PANGRITZ, W. **Das Tier in der Bibel.** München; Basel: Ernst Reinhardt, 1963.
- PHILLIPS, A. **Deuteronomy.** Cambridge: Cambridge University Press, 1973. (CNEB, v. 3).
- RAD, G. von. **Deuteronomy.** London: SCM, 1961. (OTL).
- RENFREW, J. M. Palaeoethnobotany: The Prehistoric Food Plants of the Near East and Europe. London: Methuen, 1973. (Studies in Prehistory).
- RICHARDSON, M. E. J. (Ed.). **Hammurabi's Laws: Text, Translation and Glossary.** Sheffield: Sheffield, 2000.
- ROBINSON, G. **The Origin and Development of the Old Testament Sabbath: A Comprehensive Exegetical Approach.** Frankfurt a. M. et al.: Peter Lang, 1988. (BET, v. 21).
- ROFÉ, A. The Arrangement of Laws in Deuteronomy. **EThL,** v. 64, p. 265-287, 1988.
- ROSENBAUM, M.; SILBERMANN, A. M. (Eds.). **Pentateuch with Targum Onkelos, Haptharoth and Rashi's Commentary: Deuteronomy.** New York: Hebrew Publishing Company, [s.d.].

- SCHMITZ-KAHMEN, F. **Geschöpfe Gottes unter der Obhut des Menschen**: Die Wertung der Tiere im Alten Testament. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1997. (NThDH, v. 10).
- SCHOCHET, E. J. **Animal Life in Jewish Tradition**: Attitudes and Relationships. New York: Ktav, 1984.
- SCHOORS, A. Notes on UT 52:14. In: FISHER, L. R. (Ed.). **Ras Shamra Parallels**. Rome: Pontificium Institutum Biblicum, 1972. p. 23. (AnOr, v. 49).
- SMITH, S. The Threshing Floor at the City Gate. **PEQ**, v. 78, p. 5-14, 1946.
- SPERBER, A. (Ed.). **The Bible in Aramaic**: Based on Old Manuscripts and Printed Texts. Leiden: E. J. Brill, 1959. (v. 1, The Pentateuch According to Targum Onkelos).
- SCHMITZ-KAHMEN, F. **Geschöpfe Gottes unter der Obhut des Menschen**. Die Wertung der Tiere im Alten Testament. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1997. (NThDH, 19).
- STEUERNAGEL, C. **Das Deuteronomium**. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1923. (HK I/3,1).
- STEUERNAGEL, C. **Lehrbuch der Einleitung in das Alte Testament**. Mit einem Anhang über die Apokryphen und Pseudepigraphen. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1912. (SThL).
- THACKERAY, H. St. J. Translation of the Letter of Aristeas. **JQR**, v. 15, p. 337-359, 1903.
- TREVER, J. C. Grain. In: **IDB**, v. 2, p. 468-469, 1962.
- VASANTHA RAO, C. **Let the Mother Bird Go**: Preservation Motif in Pentateuch. Hyderabad: NCWF, 1996.
- WEVERS, J. W. (Ed.). **Vetus Testament Graecum**. Auctoritate Academiae Scientiarum Göttingensis editum. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977. (v. 3/2, Deuteronomium).
- WRIGHT, C. J. H. **Deuteronomy**. 2. ed. Massachusetts: Hendrickson, 1998. (NIBC.OT, v. 4).
- WRIGHT, G. E.; SHIRES, H. H.; PARKER, P. The Book of Deuteronomy. In: **IntB**, v. 2, p. 309-537, 1953.
- ZOHARY, D.; HOPF, M. Domestication of Pulses in the Old World. **Science**, v. 182, p. 887-894, 1973.
- ZOHARY, M. **Plants of the Bible**. Cambridge: A Complete Handbook to all the Plants with 200 Full-Color Plates taken in the Natural Habitat. Cambridge et al.: Cambridge University Press, 1982